

# O argumento da precedência de natureza do não-ser ao ser na discussão sobre a eternidade do mundo em Tomás de Aquino

Evaniel Brás dos Santos\*

O objetivo do presente trabalho é expor a posição de Tomás de Aquino na discussão sobre a eternidade do mundo ocorrida no século XIII. Para tanto, este texto está dividido em três partes. Na primeira apresentaremos a noção de criação. Na segunda exporemos os motivos pelos quais Tomás afirma a possibilidade do mundo ter existido sempre no opúsculo *Sobre a eternidade do mundo*. Na terceira parte, apresentaremos como Tomás distingue a noção de eternidade da noção de existir sempre.

Adota-se esse procedimento devido ao fato de Tomás no opúsculo *Sobre a eternidade do mundo* investigar se as noções de criação e existir sempre são contraditórias ou não<sup>1</sup>. Se compararmos a ordem de exposição da discussão sobre a eternidade do mundo no opúsculo citado com a ordem de exposição da mesma discussão na *Suma contra os Gentios* e na *Suma de Teologia* perceberemos que a noção de criação sempre precede a afirmação da possibilidade do mundo ter existido sempre, uma vez que para o aquinense tal possibilidade é uma modalidade da criação. Na *Suma contra os Gentios* Tomás investiga tal possibilidade nos capítulos 31 ao 38<sup>2</sup>. Todavia, anteriormente a estes

\*. O presente trabalho é o resultado final da iniciação científica 2008/09, cujo plano de trabalho teve como tema: Criação e eternidade no *De Eternitate Mundi* de Tomás de Aquino. Tal plano esteve vinculado ao projeto: o uso da Física de Aristóteles na discussão sobre a eternidade do mundo do professor Dr. Tadeu Mazzola Verza. Agradeço sinceramente ao professor Tadeu Verza por me iniciar na leitura de Tomás de Aquino e por orientar minha pesquisa no período vigente da bolsa.

1. Sobre uma abordagem sistemática do opúsculo *Sobre a eternidade do mundo* e o vínculo deste com outras obras de Tomás de Aquino, vide: MACEDO, J. M. Costa. *A propósito do opúsculo A cerca da Eternidade do Mundo de S. Tomás de Aquino*. *Medievalia* 9, 1996, pp. 31-149.

2. Sobre a discussão nestes capítulos, Vide: KRETZMANN, Norman. *The metaphysics of creation: Aquinas natural theology in Summa contra gentiles II*. Oxford: Clarendon Press, 1999. P. 143-182.

capítulos, Tomás demonstra nos capítulos 6 ao 30 ser necessário que todas as coisas sejam criadas por Deus. Do mesmo modo, na Suma de Teologia, primeiro Tomás demonstra nas questões 44 e 45 a criação do mundo para na questão 46 demonstrar a possibilidade do mesmo ter existido sempre. Nessa medida, antes de apresentarmos os motivos pelos quais Tomás de Aquino afirma a possibilidade do mundo ter existido sempre, convém tratar da noção de criação.<sup>3</sup>

Tomás define a noção de criação da seguinte maneira: “Como já dissemos, não devemos considerar somente a emanção de qualquer ser, de um agente particular, mas também o da totalidade dos seres, da causa universal que é Deus: e é a esta emanção que designamos com o nome de criação”.<sup>4</sup>

3. Para uma análise mais detalhada da noção de criação enquanto resultado da noção de causa, consulte-se os seguintes textos de Aertsen: AERTSEN, Jan A. Tomás de Aquino: Por natureza, todas as pessoas anseiam pelo saber. In: KOBUSCH, Theo (Org.), *Filósofos da idade Média*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, pp. 249-268; AERTSEN, Jan. *Nature and Creature: Thomas Aquinas's Way of Thought*. Leiden: Brill, New York, 1998, pp. 119-127; AERTSEN, Jan A. “Aquinas's philosophy in its historical setting”. In: Kretzmann, N. e STUMP E. (Editors), *The Cambridge Companion to Aquinas*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996, pp. 12- 37.

4. S. Th. Ia, q. 45, a. 1, resp. Tradução: Alexandre Correia. Livraria Sulina Editora, 1980. A noção de emanção servi de recurso para explicar a criação, nessa medida difere de outros usos de “emanção”: “Criação para Aquino requer três emanções de dois tipos distintos. Primeiro, há as emanções internas ou processões no interior da essência divina. Aí se produz reais distinções e relações com o Princípio. Estas duas emanções são necessárias e absolutas (‘com uma necessidade absoluta’) e natural. Elas são emanções do Primeiro e a mais simples união do Primeiro: mais simples unidade. Isto equivale a dizer, que há a emanção da Palavra que é o resultado necessário e natural de Deus se conhecer, e a emanção do Espírito que é o resultado necessário e natural do amor-próprio divino. Aquino nos fala na Summa contra os Gentios que ‘por necessidade, porque Deus sempre se conhece’, o resultado necessário deste conhecimento de si mesmo é a ‘emanção’ do conceptum de Verbum, ‘o qual procede naturalmente do Pai’ (Summa contra Gentiles 4.11). ‘Conceptio Verbi divini est naturalis’ (Summa Theologiae I.41.2 ad. 4). Estas emanções são precisamente naturais e determinadas; natural [nesse contexto] é o que é ordenado a um só resultado (Ibid. I.41.2: natura determinata est unum). Se estas processões não fossem necessárias, mas contingentes de forma que elas poderiam ou não acontecer, o que procederia seria uma criatura [terceiro tipo de emanção], não um ser divino. A mesma necessidade da natureza divina determina a emanção do Espírito como amor, e, como com o Filho, é necessário que o que procede seja igual a seu princípio (De Potentia 10.2 ad. 5). Igualdade como uma característica também é especialmente destinada à Palavra como a emanção do primeiro do Pai que é o princípio das processões Trinitárias. ‘A primeira coisa que procede da unidade é a igualdade e então a multiplicidade procede. Do Pai, para quem, de acordo com Agostinho, a unidade é própria, o Filho processa, a quem a igualdade é apropriada, e então a criatura vem depois, a esta pertence a desigualdade (S. Th. I, 39. 8)”. Para Aquino a processão do Filho é a causa e razão de todas as emanções subsequentes” HANKEY, Wayne J. *Ab uno simplici non est nisi unum: The place of natural and necessary emanation in Aquinas's doctrine of creation*. In: *Divine creation in Ancient, Medieval, and early modern thought*. Edited by: Michael Treschow, Willemien Otten and Walter Hannam, Leiden: Brill, Boston, pp. 310-333, 2007, p. 329.

Na primeira parte da definição acima, ou seja, a parte que diz “não devemos considerar somente a emanção de qualquer ser, de um agente particular”, Tomás está se referindo às causas e aos efeitos mais gerais. Estas causas e estes efeitos são aqueles em que um agente necessita que algo preexista para que ele possa agir. Segundo Tomás é a partir da observação destes eventos que a razão humana chega ao conhecimento da criação divina, pois sempre que nos deparamos com algo podemos perguntar pela causa deste algo. O exemplo que Tomás usa de causa e efeito particular que pode servir para a razão humana chegar ao conhecimento da criação divina é a metáfora do artesão e de sua arte<sup>5</sup>. Esta metáfora consiste no seguinte: o artista começa a fazer sua obra a partir de outra coisa que já existe, e quando termina ela será independente dele. Nesta metáfora, o artista começa a fazer<sup>6</sup>, ou seja, se movimenta em direção a algo que já existe (causa material) para, a partir deste algo, fazer sua obra, em outros termos, o artista depende deste algo para produzir. Este ir em direção a algo significa que ele nada vai tirar de si para produzir. E depois de terminar sua obra, esta será independente, quanto à existência, de seu produtor. Assim, se poderá dizer que esta obra existe agora porque foi feita antes.

A depuração desta metáfora, depuração esta que é indispensável para que ela possa servir de recurso para a razão humana entender a criação divina, ocorre da seguinte maneira: diferentemente do artesão que começa a fazer sua obra, Deus não começa a criar, pois, sendo sua ação eterna, não há um antes e um depois temporal a esta ação.

---

5. “Assim o artífice produz uma determinada forma na matéria por causa do exemplar considerado, quer esse exemplar lhe seja exterior, quer seja concebido interiormente na sua mente”. S. The. q. 44, a. 3, resp. “(...) como a casa existente na matéria é semelhante à existente na mente do artífice”. Idem, ad. 2. “Assim o artífice opera com as causas naturais, p. ex. a madeira e o ar, que não são causados pela ação da arte, mas pela da natureza”. S. The. q. 45, a. 2, resp. Cf. S. The. Ia. q. 45, a. 6, resp; q. 45, a. 7, resp. S. C. G. II, cap. XXIV, 4. Tradução de D. Odílio Moura, O.S.B. Sulina; Edipuc-RS, 1993. Ver também: HAUSER, R. E. Avicenna, Aliqui, and the thomistic doctrine of creation. Proceedings of Thomistic Summer Institute, University of Notre Dame, 2000, p. 1; STORCK, Alfredo Carlos. Eternidade, Possibilidade e Emanação: Guilherme de Auverne e Tomás de Aquino leitores de Avicena. Revista de Filosofia Analítica, Volume 7, Número 1, pp. 113-149, 2003, p. 142.

Além disso, Deus, segundo Tomás, não depende de algo preexistente para criar, pois se dependesse, as coisas viriam deste algo preexistente. E, nessa medida, Deus não seria a “causa universal da totalidade dos seres”, como está na segunda parte da definição citada acima, uma vez que haveria algo independente dele quanto à existência. Portanto, é necessário que tudo que não seja Deus provenha dele.<sup>7</sup>

A totalidade dos seres, ou seja, o que habitualmente Tomás denomina por mundo<sup>8</sup>, é o efeito da ação causativa de Deus. E esta ação, não pressupõe a matéria<sup>9</sup>, visto que Deus é a causa da matéria. Nessa medida, a criação, segundo Tomás, ocorre a partir do nada (ex nihilo):

Pois o precedente a modo de emanação particular não lhe é pressuposto a esta; assim, à geração do homem não é pressuposta a existência do homem, mas o homem é feito do não-homem, e o branco, do não-branco. Por onde, considerando-se a emanação universal de todos os seres, do primeiro princípio, é impossível seja pressuposto qualquer ser a essa emanação. Pois, o nada é o mesmo que nenhum ente. Por onde, assim

---

6. Este fazer não pode ser entendido como “criar”, uma vez que contradiz a noção de criação a preexistência de algo. E, como, o artista só faz a partir de algo ele não é criador, pois só Deus pode criar. Cf. S. C. G. II, Cap. XX, cujo título é: “nenhum corpo pode criar”.

7. “Um é o modo de se inteligir o agente particular, que pressupõe alguma coisa para causar outra; e outro o de se inteligir o agente universal, que produz o todo”. S. The. Ia. q. 46, a. 1, ad. 1. Se alguma coisa é efeito de Deus, ou provém de algo preexistente ou não. Se não provém, fica confirmado nosso propósito, ou seja, que Deus produz algum efeito sem nada de preexistente. Mas se provém de algo preexistente, ou se cai no processo infinito, o que é impossível haver nas causas naturais, segundo prova o Filósofo (II Metafísica 2, 994a; Cmt 2, 299s) ou chegar-se-á a um primeiro que não pressupõe outra coisa. Tal não pode ser senão Deus. Ora, foi demonstrado que Deus não é matéria de coisa alguma e que não pode haver coisa alguma, fora de Deus, de que Deus não seja a causa do ser, como foi demonstrado acima.” S. C. G. II, cap. XVI, 1. “E sobretudo é impróprio dizer que algum corpo crie, pois nenhum corpo age senão por contato ou movendo. Assim requer a para sua ação algo de preexistente que possa ser tocado ou movido; o que é contra a noção de criação. S. The. Ia. q. 45, a. 5, resp. Cf. S. The. Ia. q. 45, a. 5, ad. 1. Ver: STORCK, Alfredo Carlos. *Eternidade, Possibilidade e Emanação*, p. 142., pp. 140-143.

8. “(...) Se a universalidade das criaturas, designadas atualmente pela denominação de mundo, começou (...)”. S. The. Ia. q. 46, a. 1

9. “a matéria, conforme sua essência, é ente em potência, que também pode ser ou não ser, e em razão da matéria existem coisas corruptíveis, como, por exemplo, o animal porque é composto de elementos contrários, e o fogo porque a sua matéria é sujeito de contrários”. S. C. G. II, cap. XXX, n. 7.

como o homem é gerado do não-ser, que é não-homem, assim também a criação, que é a emanação do ser total, procede do não-ser que é o nada.<sup>10</sup>

É em torno da expressão “criação a partir do nada” que está inserida a discussão sobre a eternidade do mundo no século XIII. A posição de Tomás nesta discussão, notadamente no opúsculo *Sobre a eternidade do mundo* é a seguinte: se as noções de criação e existir sempre são contraditórias ou não. Se são é impossível um mundo criado sem início temporal. Se não são é possível, escreve Tomás:

Como é próprio da onipotência de Deus exceder toda a força e todo o entendimento, todo aquele que diz poder entender-se nas criaturas algo que não pode ser feito por Deus cerceia claramente a onipotência de Deus. (...) Portanto, toda a questão consiste [em saber] se algo ser criado por Deus segundo a totalidade de seu ser e não ter início de duração são aspectos que repugnam entre si ou não. Que não existe tal repugnância mutua mostra-se como segue. Se houver tal repugnância, isso apenas será devido ou a uma destas razões ou ambas: ou porque é necessário que a causa atuante seja anterior em duração, ou porque é necessário que o não ser seja anterior [também] em duração por dizer-se que o que é criado por Deus é feito do nada.<sup>11</sup>

Quanto ao primeiro motivo, ou seja, se é necessário que a causa atuante seja anterior em duração ao seu efeito, Tomás afirma não ser necessário que Deus preceda o mundo criado em duração<sup>12</sup>. Esta conclusão é obtida por via da indução<sup>13</sup>, isto é, pela observação de certa quantidade de efeitos e causas naturais, as quais são de dois tipos:

10. S. The. Ia, q. 45, a. 1, resp.

11. AQUINO, Tomás. *Sobre a Eternidade do Mundo*. Texto Latino da edição leonina, com uma seleção do aparato de fontes Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia, iussu Leonis XIII P.M. edita. t. XLIII: Opuscula IV, ed. H. F. Dondaine. Comissio Leonina, Roma 1976 (pp. 85-89): Tradução de J. M. Costa Macedo. P. 15.

12. Tomás abordou esta temática na Suma de Teologia, vide: S. The. Ia, q. 46, a. 2, ad. 1. Ver também: BURREL, David B. “Aquinas and Islamic and jewish thinkers”. In: Kretzmann, N. e STUMP, E. (Editors), *The Cambridge Companion to Aquinas*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996, pp. 61-84, p. 73.

13. Vide: AQUINO, Tomás de. *Sobre a eternidade do mundo*, pp. 15-20.

as causas que precedem necessariamente seus efeitos em duração e as que não precedem. As causas que precedem necessariamente seus efeitos em duração são aquelas que agem por meio do movimento e ao agir se movem, são as causas mais gerais. Estas, por se movimentarem ao agir e por precederem seus efeitos em duração, são tidas por Tomás como causas incompletas<sup>14</sup>. As causas que não precedem em duração seus efeitos são aquelas em que no instante em que começam a existir produzem instantaneamente efeitos, p.ex. é no próprio instante em que começa a existir que o fogo produz aquecimento<sup>15</sup>. Neste exemplo, a causa, o fogo, não precede em duração seu efeito, o aquecimento, pois dada à existência do fogo dá-se instantaneamente a existência do aquecimento, sendo o fogo um tipo de causa menos incompleta, do que aquelas que precedem necessariamente seus efeitos em duração, pois o fogo se movimenta ao agir, porém não precede seu efeito em duração<sup>16</sup>. Desse modo, se o fogo, que é uma causa natural e particular produz um efeito que lhe é instantâneo, segue-se que este tipo de causa pode ser atribuído a Deus, uma vez que ele é a causa mais universal de todas as coisas, e por ser a mais universal é completa<sup>17</sup>, ou seja, não

14. "Além disso, se, dada certa causa, num certo instante, não puder dar-se o efeito que dela procede nesse próprio instante, isso deve-se apenas a que falta aquela causa algo da sua integridade". Idem, p. 19. "Há, porém, certos seres que simultaneamente agem e sofrem a ação, e são os agentes imperfeitos". S. The. q. 44, a. 4, resp; ad. 1.

15. "Em qualquer momento em que se estabelece que uma coisa existe, pode afirmar o início de sua ação, como é patente em todas as coisas susceptíveis de geração, pois é no próprio instante em que começa a existir que o fogo produz aquecimento". AQUINO, Tomás de. *Sobre a eternidade do mundo*, p. 17.

16. "Além disso, os efeitos são proporcionais às suas causas de modo que atribuímos aos efeitos atuais causas atuais, e os efeitos em potência, causas em potência. Semelhantemente, os efeitos particulares, às causas particulares, e os universais, às causas universais, como ensina o Filósofo. Ora, o ser é a primeira coisa causada, o que é evidente, devido à sua natureza universal. Por conseguinte, a causa própria do ser é o primeiro agente universal, que é Deus. Os outros agentes não são simples causa do ser, mas causa de ser determinado; por exemplo, de um homem ou de uma coisa branca. Ora, o ser é simplesmente causado por criação, que não pressupõe coisa alguma, porque uma coisa que esteja fora do ser não pode simplesmente preexistir. Por outras operações faz-se este ou aquele ente, porque é de um ente preexistente que se faz este ou aquele ente". S. C. G. II, cap. XXI, 3.

17. "(...) com efeito, a causa completa e o causado existem ao mesmo tempo. Mas a Deus não faltou nunca nada da sua integridade; portanto, uma vez dada a sua existência, pode dar-se o seu efeito [o mundo] como existindo sempre; assim não é necessário que o preceda em duração". AQUINO, Tomás de. *Sobre a eternidade do mundo*, p. 19.

se movimenta ao agir e não precede seu efeito em duração. Portanto, Deus, não precedendo ao mundo criado em duração, causa um efeito instantaneamente.<sup>18</sup>

No que diz respeito ao segundo motivo, sé é necessário que o não ser seja anterior em duração ao ser por dizer-se que o que é criado por Deus é feito a partir do nada, Tomás argumenta:

Suponha-se que a ordem referente ao nada contido na preposição permaneça afirmada de maneira que o sentido seja: a criatura é feita do nada, isto é, foi feita depois do nada: esta expressão “depois de” encerra ordem considerada em si. Mas a ordem é múltipla, ou seja, de duração e de natureza. [...] não seria necessário que, por se dizer que a criatura existe após o nada, primeiro se tenha dado o nada e depois tenha existido alguma coisa: é suficiente se o nada for anterior em natureza relativamente ao ser. Com efeito, aquilo que é próprio de cada coisa em si mesma é-lhe por natureza mais prioritariamente intrínseco do que aquilo que tem apenas de outro. Ora a criatura não tem ser se não a partir de outro. Uma vez deixada a si própria, considerada em si mesma é nada, pelo que o nada é-lhe mais intrínseco do que o ser. Também não é preciso que seja ao mesmo tempo nada e ser, só porque não há nenhuma precedência em duração. Com efeito, não se afirma que o nada existe em algum tempo, se a criatura existiu sempre, mas estabelece-se que a natureza dela seria tal que se tornaria nada se fosse abandonada a si mesma.<sup>19</sup>

---

18. “Além disso, quanto mais um efeito é universal, tanto mais elevada é a sua causa, porque, quanto mais elevada é a causa, a tantos mais efeitos se estende sua virtualidade. Ora, ser é mais universal do que ser movido, pois há entes imóveis, segundo afirmam alguns filósofos, como as pedras e coisas semelhantes. Donde ser necessário que, acima da causa que só opera movendo e transformando, exista a causa que é o primeiro princípio do ser. Ora, já demonstramos que é Deus. Logo, Deus não opera somente (tantum) movendo e transformando. Contudo, aquilo que não pode produzir coisa no ser senão usando da matéria preexistente, opera por meio do movimento e da transformação, pois fazer algo usando a matéria, implica movimento ou certa transformação. Portanto, Deus produz as coisas no ser sem matéria preexistente”. S. C. G. II, cap. XVI, 3.

19. AQUINO, Tomás de. *Sobre a eternidade do mundo*, p. 21

Na passagem citada, Tomás distingue ordem de duração de ordem de natureza<sup>20</sup>. A primeira diz respeito à noção de ordem em um sentido linear, ou seja, onde uma causa ao preceder necessariamente seu efeito em duração, age movimentando-se e, somente no término de sua ação, obtém-se o efeito esperado. Se este sentido de ordem fosse aplicado à criação do mundo, o nada precederia necessariamente o ser em duração. Nessa medida, o nada seria entendido como algo que tem uma constituição ontológica, donde decorreria pela ordem de duração, que as criaturas, primeiro seriam nada, passando em seguida a existir<sup>21</sup>. Porém, a expressão “do nada”, não pode ser entendida a partir da ordem de duração, visto que o nada não tem constituição ontológica. Ela deve ser entendida a partir da ordem de natureza. Baldner expõe o que Tomás entende por ordem de natureza da seguinte maneira:

---

20. Na *Suma de Teologia* Tomás de Aquino aborda esta questão, ele diz: “Quando se diz que alguma coisa é feito do nada, a preposição de (ex) não designa a causa matéria, mas somente a ordem; como quando dizemos que da manhã se faz o meio dia, i.é, o meio dia vem após a manhã. Devemos porém entender que a preposição de (ex) pode incluir a negação implicada na expressão nada, ou ser incluída por ela. Se for o primeiro sentido, então há aí a afirmação da ordem e indica a ordem daquilo que é, relativamente, ao não ser precedente. Se porém a negação incluir a preposição, então a ordem é negada, e o sentido da expressão – feito do nada, é: não é feito de alguma coisa, como se disséssemos: este fala do nada, porque não fala de ninguém. E ambos esses modos de nos exprimirmos se verificam, quando dizemos que alguma coisa é feita do nada. Mas, no primeiro sentido a preposição de (ex) implica a ordem, como se disse. O segundo sentido importa a relação de causa material, que é negada”. S. The. q. 45, a. 1, ad. 3.

21. Neste sentido o nada seria equivalente a afirmação de uma causa material prévia a criação: “há o sentido da expressão ex nihilo na qual qualquer ordem entre duas coisas é negada, isto é, a criatura não é considerada como uma coisa realmente relacionada com o nihil considerado como outra “coisa”. A criatura, é uma coisa, mas o que é negado é que alguma outra coisa, algum nihil, esteja relacionado à criatura. O “ex” na expressão verbal semelhante à expressão “ex nihilo” tende a nos fazer pensar em uma causa material. A negação, incluída no nihil, pretende negar a existência da causa material. O fato é que realmente e literalmente nada há fora da qual...como a causa material... a criatura seja criada, os meios pelos quais nós de alguma maneira poderemos designar como uma prioridade temporal do nihil ao ser da criatura”. BALDNER, E. Steven. *The doctrine of St. Thomas Aquinas on the eternity of the world*, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, April 1979, p. 28-29. Sobre o modo de Tomás conceber a expressão “creation ex nihilo”, ver os seguintes textos: CARTWRIGHT, Richard L. *Aquinas on What Could Have Been*. Source: *Noûs*, Vol. 30, Supplement: Philosophical Perspectives, 10, Metaphysics, 1996 (1996), pp. 447-458, Published by: Blackwell Publishing, p. 452; FORD, Lewis S. *Contrasting Conceptions of Creation*, Source: *The Review of Metaphysics*, Vol. 45, No. 1 (Sep., 1991), pp. 89-109, Published by: Philosophy Education Society Inc., p. 97; AERTSEN, Jan. *Nature and Creature: Thomas Aquinas’s Way of Thought*, p. 120-121.

[...] há um sentido no qual a expressão do nada indica positivamente um tipo de ordem entre a criatura e o nihil. Neste sentido consideramos a criatura enquanto o que ela é nela mesma por assim dizer, sem a influencia da causa do seu ser. Por si mesma a criatura é precisamente [aquilo] do que é feita... nada. A natureza da criatura, isto é, a criatura considerada sem referencia ao Criador, é nada. Isto significa que há uma prioridade natural do não-ser ao ser na criatura. Mas dizer que o nihil é por natureza anterior ao esse na criatura é dizer, não mais, que a criatura é completamente dependente, para ser, do criador. Nós não estamos aqui tratando o nihil como um algo por afirmar a relação entre a criatura e o nada; tratamos a criatura como algo que ela é propriamente e naturalmente: nada sem a ação criativa de Deus.<sup>22</sup>

Tendo demonstrado que não é necessário que Deus preceda seu efeito em duração e que não é necessário que o não-ser preceda o ser em duração, Tomás conclui: “Assim, torna-se claro que, ao dizer-se algo ter sido feito por Deus e nunca ter deixado de existir, não há qualquer incompatibilidade para o entendimento”.<sup>23</sup>

Todavia, Tomás precisa responder a uma possível objeção, qual seja, que se o mundo não teve um início temporal equipara-se a Deus em duração. A esta possível objeção Tomás responde:

Quando alguns ouvem afirmar a perspectiva de Platão de que este mundo não teve início de tempo nem há-de ter fim, julgam erradamente que desta maneira o mundo produzido se torna coeterno ao seu produtor, pois uma coisa é ser conduzida através de uma vida interminável, que Platão atribui ao mundo, outra coisa é ser, sem qualquer desigualdade, a total e envolvente presença de uma vida interminável, o que se mostrou

---

22. BALDNER, E. Steven. *The doctrine of St. Thomas Aquinas on the eternity of the world*, p. 29.

23. AQUINO, Tomás de. *Sobre a eternidade do mundo*, p. 23.

ser próprio do espírito divino [até aqui citação de Boécio]. Como é evidente, daqui não se pode concluir que a criatura se equipare a Deus em duração, como alguns objetam.<sup>24</sup>

Tomás, na passagem citada, distingue as noções existir sempre e eternidade. A primeira denota o tempo de um mundo que não teve início de duração nem há de ter fim. Aqui, “duração” por ser constituída de partes sucessivas<sup>25</sup> é uma noção quantitativa, ou seja, só tem sentido em um âmbito suscetível de mais e de menos<sup>26</sup>. Desse modo, o mundo, mesmo tendo uma duração ilimitada, está em constante mudança,<sup>27</sup> uma vez que, ao mensurar, p. ex., as partes sucessivas de determinado “evento” (causa-efeito) é possível obter partes maiores e partes menores. E, por está em constante mudança, o “mundo” enquanto termo-sujeito de uma proposição jamais pode ter “eternidade” como

---

24. Idem, p. 25. Tomás de Aquino havia abordado este assunto na *Suma*: “Mesmo que o mundo sempre tenha existido, nem por isso se equipararia a Deus na sua eternidade, como diz Boécio; porque o ser divino é o ser totalmente simultâneo, sem sucessão, o que se não dá com o mundo”. S. The. Ia, q. 46, a. 2, ad. 5. Como é evidente nas passagens supracitadas, Tomás de Aquino, se serve da definição boeciana de eternidade. A este respeito, Hamelin diz: “Na interpretação teológica de Tomás Aquino da definição boeciana da eternidade, o vocábulo *possessio* designa a imutabilidade de Deus, ou seja, o fato que Ele tenha a plenitude da perfeição total do ser implica que não adquira nada e que seja imutável – o que é mutável somente adquire algo por movimento. Portanto, Deus não pode ter algo que não possuía anteriormente. Ele tem a posse perfeita e de uma só vez de uma vida ilimitada. Trata-se do argumento da perfeição divina”. HAMELIN, Guy. *Eternidade de Deus e eternidade do mundo em Boécio*. Revista de Filosofia Analítica, Volume 7, Número 1, pp. 66 - 81, 2003, p. 70.

25. “Além disso, em toda produção em que há sucessão, o fazer-se precede o que está feito, como demonstra o Filósofo. Isto não pode acontecer na criação, porque o fazer-se que precedesse o estar feito da criatura carecia de um sujeito. Este, porém, não pode ser a criatura de cuja criação tratamos, porque ela não é antes do estar feito, nem tampouco está no que a faz, pois mover-se não é ato do movente, mas do movido. Resulta, pois, que o fazer-se teria por sujeito alguma matéria preexistente. Mas isto é contra a natureza da criação. Logo, é impossível haver sucessão na criação”. S. C. G. II, cap. XIX, 3.

26. Vide: FLECK, Fernando Pio de Almeida. *Eternidade, Negação e Conhecimento*. Revista de Filosofia Analítica, Volume 7, Número 1, pp. 83- 96, 2003, p. 85- 86.

27. “O motor primeiro sempre existiu do mesmo modo; não assim, porém, o primeiro móvel que, tendo começado a existir, antes não existia. Contudo não começou a existir por mudança, senão por criação que não é mudança. Por onde, é claro que a razão dada por Aristóteles procede contra os que admitiam os móveis eternos, mas o movimento não-eterno, como se ver pelas opiniões de Anaxágoras e Empédocles. Nós porém ensinamos que, desde que os móveis começaram, o movimento sempre existiu”. S. The. Ia. q. 46, a. 1, ad. 5. E, se há movimento há mudança.

termo-predicado, uma vez que “a eternidade, não tem partes e é totalmente simples; também não tem antes e depois, porque Deus é imóvel”<sup>28</sup>. Assim sendo, eternidade é predicado apenas de Deus.

Os dois motivos pelos quais Tomás afirma a possibilidade do mundo ter existido sempre, que acabamos de apresentar, se fundamentam no fato de a razão humana os entender sem cair em contradição<sup>29</sup>. Segundo Tomás, uma vez que estes motivos são cognoscíveis, afirmar que Deus não pode criar um mundo sem início temporal é limitar o poder de Deus, uma vez que “todo aquele que diz poder entender-se nas criaturas algo que não pode ser feito por Deus cerceia claramente a onipotência de Deus”. Podemos ainda expressar esta não impossibilidade da seguinte maneira:

Premissa 1: o mundo criado, como um efeito completo do Criador, pode existir simultaneamente com a existência de sua causa. Uma vez que o criador é eterno, e uma vez que o Criador não precede seu efeito em duração.

Premissa 2: A criação do mundo não pode envolver movimento porque movimento pressupõe matéria e a criação do mundo implica a ausência de algo pressuposto, visto ser a partir do nada.

---

28. S. C. G. II, cap. XXXV, 5.

29. “Tomás de Aquino sustenta que os possíveis são consubstanciais a Deus e que, em se conhecendo a si mesmo, Deus os conhece todos ao mesmo tempo que se conhece como capaz de produzi-los. Decorre daí que as noções de possibilidade e potência divina têm a mesma extensão. (...) As noções de potência divina e possibilidade lógica têm a mesma extensão porque partilham, o mesmo fundamento, a saber, a essência divina. O princípio lógico (ser não contrário) é um critério para identificar quais são os possíveis. Mas o fundamento não é lógico e sim ontológico: a essência divina imitável pelos seres. Afirmar que uma coisa é possível é o mesmo que dizer que sua noção não é contraditória. Mas o importante é que ela não é contraditória porque os predicados não se opõem de modo a excluir o ser. O fundamento último da possibilidade é: ser compatível com o ser, e portanto, ser capaz de imitar a essência divina. Se preferirmos, podemos dizer que Tomás de Aquino lança mão de dois princípios para explicar a noção de possibilidade: o princípio ontológico (*sua ratio essendi*) que é a essência divina; o princípio lógico (*sua ratio cognoscendi*) que é o princípio da não-contradição”. STORCK, Alfredo. *Eternidade, possibilidade e emanção*, p. 134-135.

Conclusão: como na proposição “o mundo criado existiu sempre” o termo sujeito não contradiz o termo predicado, segue-se que o mundo criado pode ter existido sempre.<sup>30</sup>

## Referências bibliográficas

AQUINO, Tomás de. De Eternitate Mundi. Texto Latino da edição leonina, com uma seleção do aparato de fontes Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia, iussu Leonis XIII P. M. edita. t. XLIII: Opuscula IV, ed. H. F. Dondaine. Commissio Leonina, Roma 1976 (pp. 85-89): Tradução de J. M. Costa Macedo.

AQUINO, Tomás de. Suma de Teologia (I I vols.). Trad. Alexandre Correia. Livraria Sulina Editora, 1980.

AQUINO, Tomás de. Suma contra os gentios (2 vols.). Tradução de D. Odilão Moura, O.S.B. Sulina; Edipuc-RS, 1993.

AQUINO, Tomás de. Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio, questões 5 e 6. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. São Paulo: UNESP, 1999.

---

30. “Criação não pode envolver movimento visto que movimento pressupõe matéria e criação implica a ausência de algo pressuposto, i. e., *creation ex nihilo*. A criatura, portanto, como um efeito completo do Criador, pode existir simultaneamente com a existência de sua causa. Uma vez que o criador é eterno, e uma vez que o Criador não precede necessariamente a criatura no tempo, é possível que o mundo seja criado eternamente”. BALDNER, E. Steven. *The doctrine of St. Thomas Aquinas on the eternity of the world*, p. 27-28. Tomás foi condenado por estas afirmações: “Em suas afirmações no De aeternitate mundi Aquino não previa a condenação de sua posição em 1277. O agostinianismo conservador, crescentemente se sentindo ameaçado levou o Bispo de Paris a exigir da razão mais do que Tomás pensou como possível para ela. Estevão Tempier exigiu que a filosofia auxiliasse a fé com razões demonstradas”. HANKEY, Wayne J. *Ab uno simplici non est nisi unum: The place of natural and necessary emanation in Aquinas’s doctrine of creation*, p. 333. De fato, tal demonstração, segundo Tomás, não é possível à razão, ou seja, não é possível demonstrar racionalmente a necessidade quer do mundo ter um princípio temporal, quer do mesmo existir sempre. A única fonte de informação que pode decidir essa questão é a revelação divina (S. The. q. 46), mas aí não se está mais no âmbito do discurso filosófico, sobretudo da metafísica, mas no âmbito da Teologia das Escrituras. Sobre a distinção entre metafísica e Teologia das Escrituras, vide: AQUINO, Tomás de. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*, questões 5 e 6. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. São Paulo: UNESP, 1999; GARCIA, Laura L. *Divine Freedom and Creation*, Source: *The Philosophical Quarterly*, Vol. 42, No. 167 (Apr., 1992), Published by: Blackwell Publishing for The Philosophical Quarterly, pp. 191-213; MCKEON, Richard. *Philosophy and Theology, History and Science in the Thought of Bonaventura and Thomas Aquinas*. Source: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 36, No. 3 (Jul. - Sep., 1975), pp. 387-412, Published by: University of Pennsylvania Press, p. 393; BALDNER, E. Steven. *The doctrine of St. Thomas Aquinas on the eternity of the world*, chapter two.

Fonte secundária:

AERTSEN, Jan A. Tomás de Aquino: Por natureza, todas as pessoas anseiam pelo saber. In: KOBUSCH, Theo (Org.), *Filósofos da idade Média*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, pp. 249-268;

AERTSEN, Jan. *Nature and Creature: Thomas Aquinas's Way of Thought*. Leiden: Brill, New York, 1998, pp. 119-127;

AERTSEN, Jan A. "Aquinas's philosophy in its historical setting". In: Kretzmann, N. e STUMP, E. (Editors), *The Cambridge Companion to Aquinas*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996, pp. 12- 37.

BALDNER, E. Steven. The doctrine of St Thomas Aquinas on of the aternity of the world. Pontifical Institute of Mediaeval Studies, April 1979.

BURREL, David B. "Aquinas and Islamic and jewish thinkers". In: Kretzmann, N. e STUMP, E. (Editors), *The Cambridge Companion to Aquinas*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996, pp. 61-84.

CARTWRIGHT, Richard L. Aquinas on What Could Have Been. Source: *Noûs*, Vol. 30, Supplement: Philosophical Perspectives, 10, Metaphysics, 1996 (1996), pp. 447-458, Published by: Blackwell Publishing.

FLECK, Fernando Pio de Almeida. Eternidade, Negação e Conhecimento. *Revista de Filosofia Analítica*, Volume 7, Número 1, pp. 83- 96, 2003.

FORD, Lewis S. Contrasting Conceptions of Creation, Source: *The Review of Metaphysics*, Vol. 45, No. 1 (Sep., 1991), pp. 89-109, Published by: Philosophy Education Society Inc.

GARCIA, Laura L. Divine Freedom and Creation, Source: *The Philosophical Quarterly*, Vol. 42, No. 167 (Apr., 1992), pp. 191-213, Published by: Blackwell Publishing for The Philosophical Quarterly.

HAMELIN, Guy. Eternidade de Deus e eternidade do mundo em Boécio. *Revista de Filosofia Analítica*, Volume 7, Número 1, pp. 66 - 81, 2003.

HANKEY, Wayne J. Ab uno simplici non est nisi unum: The place of natural and necessary emanation in Aquinas's doctrine of creation.

In: Divine creation in Ancient, Medieval, and early modern thought.  
Edited by: Michael Treschow, Willemien Otten and Walter Hannam,  
Leiden: Brill, Boston, pp. 310-333, 2007.

HAUSER, R. E. Avicenna, Aliqui, and the thomistic doctrine of  
creation. Proceedings of Thomistic Summer Institute, University of  
Notre Dame, 2000.

KRETZMANN, Norman. The metaphysics of creation: Aquinas natural  
theology in Summa contra gentiles II. Oxford: Clarendon Press, 1999.

MACEDO, J. M. Costa. A propósito do opúsculo A cerca da  
Eternidade do Mundo de S. Tomás de Aquino. *Medievalia* 9, 1996.

MCKEON, Richard. Philosophy and Theology, History and Science  
in the Thought of Bonaventura and Thomas Aquinas. Source: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 36, No. 3 (Jul. - Sep., 1975), pp. 387-412,  
Published by: University of Pennsylvania Press.

STORCK, Alfredo Carlos. Eternidade, Possibilidade e Emissão:  
Guilherme de Auverne e Tomás de Aquino leitores de Avicena. *Revista de Filosofia Analítica*, Volume 7, Número 1, pp. 113-149, 2003.